



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

## Maria Francelina Trenes, a Maria Degolada, e a População Urbana Marginal em Porto Alegre na virada do Século XIX

Publicado no site em 12/12/2008

Carlos Daniel de Castilhos\*, Prof.ª Dr.ª Núncia Maria S. de Constantino\*\* (Orientadora)

**Resumo:** O texto relata a relação da pessoa de Maria Francelina Trenes, que é conhecida até os dias de hoje como a “Maria Degolada”, como uma representante de uma imigração alemã que não deu certo e vivia junto com a camada marginal da cidade de Porto Alegre nesse final do século XIX.

**Abstract:** The text talks about the relation of the person Maria Francelina Trenes, who is known until the present as the “Beheaded Maria”, as a representative of a German Immigration that didn’t work and lived together with the marginal people in the Porto Alegre city in this end of Century XIX.

**Palavras-chaves:** História Social, Sociedade Urbana, Imigração Alemã, Devoção Marginal.

**Key words:** Social History, Urban Society, German Immigration, Marginal Devotion.

Em Porto Alegre, dentro do bairro Partenon, existe um morro vulgarmente chamado de Morro da Maria Degolada. Dizem que lá morreu uma jovem, degolada pelo amante brigadiano **1**, e quem rezar para ela, tem sua graça alcançada. Só não pode ser pedido de um brigadiano, pois, como foi morta por um, o infeliz corre o risco de ter seu pedido atendido ao contrário. Nenhum dos moradores do dito morro sabe ao certo quando ocorreu o crime, sabem que a história vem passando de geração a geração, por meio da oralidade, e acreditam fielmente na sua “santinha”, tanto que em cima do morro, no interior dessa pequena vila, existe uma capelinha azul onde os fiéis acendem velas, colocam suas oferendas e fotos de agradecimentos pelas graças alcançadas.

Esse é o mito da Maria Degolada, típica devoção marginal, uma interface do imaginário religioso, tão comum no catolicismo brasileiro. Segundo o antropólogo José Carlos Pereira, ela faz parte do grupo das chamadas “santas” de cemitério que “corresponde, na maioria dos casos, a alguém que sofreu morte violenta, seja por acidente, assassinato ou tortura seguida de morte” **2**.

Mas até que ponto essa história é verídica? Existiu mesmo essa Maria Degolada? Em 1994 uma equipe do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul desenvolveu um grande trabalho em cima dos documentos existentes sobre o caso e montou um livro intitulado: “Maria Degolada, mito ou realidade?”. Uma coleção de documentos, contendo desde atestados de óbito, processo judiciário, até reportagens da época, mostrando não somente que Maria Degolada existiu como nos dá um panorama muito maior da repercussão que o crime gerou.

Descobriu-se então que Maria Degolada era na verdade Maria Francelina Trenes **3**, de nacionalidade alemã, prostituta, de 21 anos, que, no dia 12 de novembro de 1899 foi morta pelo amante, Bruno Soares Bicudo **4**, soldado da Brigada Militar, analfabeto e natural de Uruguaiana. Os relatos nos autos do processo referem que o casal, juntamente com outros pares, foi fazer um piquenique no Morro do Hospício, o atual Morro da Maria Degolada, que fica em frente ao Hospital Psiquiátrico São Pedro. Em uma determinada hora Maria e Bruno se separaram dos demais e, depois de uma discussão, enciumado, Bruno pega uma faca e degola sua amada. As

testemunhas disseram que foi algo muito rápido e nada puderam fazer para salvar a vida da pobre moça.

O crime teve grande repercussão na imprensa local, jornais como o Jornal do Comércio, o Correio do Povo e a Gazetinha noticiaram o caso com grande horror, todos comovidos pela moça que fora brutalmente assassinada. Em uma cidade que, nessa virada de século, estava ficando cada vez mais urbanizada e povoada, um crime desse porte era considerado um ato de barbárie. Também não podemos esquecer que a famosa Revolução Federalista<sup>5</sup>, vulgarmente chamada de Revolta da Degola, ocorrera há poucos anos, e o horror pelo ato da degola estava presente no subconsciente coletivo da população. População essa que era composta por várias etnias, desde lusobrasileiros, africanos, judeus, italianos, açorianos, alemães, como é o caso da Maria Francelina, entre outros. Essa pluralidade de etnias muitas vezes gerava rixas entre grupos e culminava com a formação de guetos étnicos, aonde a população ia se distribuindo conforme o seu grupo.

A cidade era governada por uma "elite ilustrada e cientificizada"<sup>6</sup> que assumira o poder com a proclamação da República em 1889. E, em um governo que tinha o positivismo de Comte como matriz de ação, disciplinar, controlar, vigiar, punir e excluir os infratores eram tarefas de primeira instância, uma vez que o progresso só viria com a ordem. Sendo Porto Alegre uma capital de passagem, aonde muitos navios atracavam no porto do Guaíba, sem falar nas caravanas que usavam a cidade como itinerário, atraía uma grande leva de vagabundos e desocupados, o que dava a polícia local muito trabalho. É comum encontrarmos nos arquivos públicos processos envolvendo brigas, assassinatos e desordem cometidos por esses transeuntes, e não só eles, muitos imigrantes, tanto italianos como alemães, muitas vezes estavam nos autos policiais. Porém também era comum caso de crimes cometidos pelos imigrantes que ali viviam.

A historiografia da imigração no Brasil é muito rica, em se falando de imigração rural, entretanto, quando o assunto é imigração urbana temos apenas poucas obras falando a respeito. No caso de Maria Francelina, temos uma imigrante alemã jovem, loira e, segundo consta nos documentos do caso, muito bonita que era uma prostituta pobre e solteira, tendo se amasiado com o brigadiano Bicudo, este um mestiço. Essa é uma imagem bem diferente daquele estereótipo que existe onde, segundo Pesavento<sup>7</sup>, o negro é o criminoso, o ladrão, vagabundo, o mestiço é o "povão" e a aparência do imigrante europeu nos leva a pensar no indivíduo trabalhador e honesto. No entanto, esses estereótipos, no momento que são postos em prática não conseguem se concretizar, não funcionam como regra social, e Maria Francelina é um exemplo concreto de que no grande processo da imigração européia existiram pessoas que ficaram no caminho, ou melhor, ficaram à margem dessa sociedade idealizada.

Magda Gans, em seu estudo sobre os teutos em Porto Alegre no século XIX, nos relata que existiam poucos imigrantes alemães em situação de pobreza ou miséria, mas que essas "informações fragmentárias obtidas não são senão um indício de que havia teutos constituindo as camadas baixas da população da capital"<sup>8</sup>. E essas escassas informações resultam do fato de esses teutos pobres não terem um local de moradia específico, a não ser uma pequena concentração no Arraial Floresta<sup>9</sup>, onde existiam cervejarias e fábricas na qual eles trabalhavam. Então, partindo desse princípio, tentar localizar de que parte da cidade a jovem Trenes poderia ter morado acaba sendo um trabalho praticamente impossível, porém, se levarmos em conta a profissão da moça, podemos então traçar uma possível área, uma vez que Porto Alegre tinha regiões onde a prostituição se encontrava de forma mais intensa.

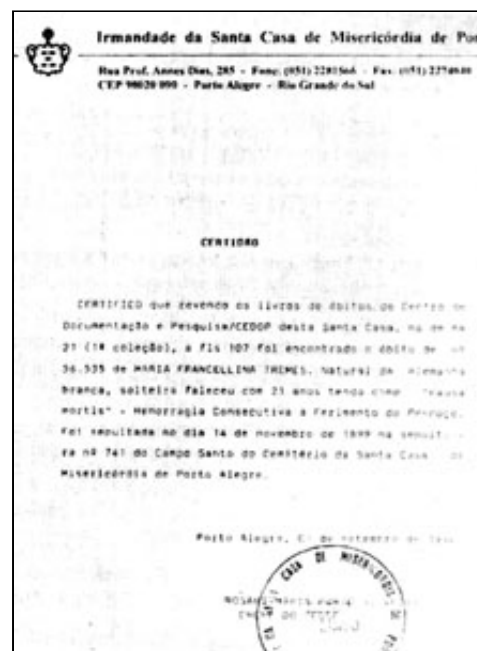
Nesse final de século, os bordéis não estavam mais restritos aos becos do centro, como na praça do Paraíso e na rua Riachuelo, o fervor da vida noturna porto-alegrense havia espelhando as casas de prostituição para a Cidade Baixa até o Arraial de São João. Isso também é um reflexo do fato de que a burguesia da época queria a "limpeza" do centro da cidade, uma vez que lá existia becos e ruelas por deveras perigosas, com vagabundos e ladrões dispostos a tudo e garotas de "boa vida" fazendo qualquer negócio por um trocado ou um prato de comida. Esse desejo de moralizar, que também é um reflexo do pensamento positivista da burguesia local, estava intrincado na mente e grifado nos jornais. Batidas policiais, protestos contra a vagabundagem, fechamento de estabelecimentos e até uma ordem de proibir prostitutas de ocupar os hotéis do centro eram acontecimentos dos mais comuns na cidade. Pesavento, em sua obra "Memória Porto Alegre: Espaços e Vivências" transcreve um protesto de época contra essa vida noturna marginal de Porto Alegre. Diz o artigo:

*"Porto Alegre, à noite, não resta duvida, já tem os foros de uma grande capital, movimentada e perdida. A mocidade libertina, de bordel em bordel, atravessa uma noite inteira, levando brindes obscenos, mostrando no dia seguinte*

apenas o sulco fundo das olheiras roxas, atestado fatal de uma orgia onde embriagou-se e cavou com as suas próprias mãos mais uma cova onde serão enterradas as ilusões de sua vida inútil e rápida. Ao lado de prostitutas, gosando beijos e affagos mercenários, sem a reflexão precisa para evitar, tamanho mal, encontra-se o moço e o velho libertino, trocando phrases indecorosas, tresandando a cachaça, vinho e cerveja barata, no mais completo bem estar deste mundo. Numa verdadeira romaria de perdição vê-se mulheres, moças, perdidas, famintas, de tascaem tasca, que em troca de instantes de prazeres, exigem, para matar a fome que as devoram, bifes com batatas regados a vinho entragável.”**10**

Esses bordéis e tascas eram alvos de críticas da imprensa, que denunciavam tais locais como centros de perdição para a juventude e de e de degradação da família**11**. A polícia local não hesitava em perseguir esses “vadios” e condenar suas “amasiadas”.

Com todos esses argumentos e fatos, fica uma pergunta no ar. Sendo Porto Alegre nessa virada de século uma sociedade tão estereotipada socialmente, moralista e que tinha na imagem do imigrante uma força tão honesta e trabalhadora, como essa pobre alemã prostituta conseguiu ficar na história e na tradição oral do povo? Várias teorias podem ser tacadas à partir dessa questão, uma vez que a sociologia, a filosofia e a antropologia podem ser usadas como instrumentos para se entender esse porquê. Entretanto, a china de soldado Maria Trenes, como bem nos fala Pesavento, “passa de prostituta à Santa, indo de um extremo ao outro das representações sociais bipolares sobre a mulher que eram vigentes na época”**12**, ao ser morta ela pode virar santa pois é vítima, e era a loura mártir de um mestiço analfabeto e mal encarado, personificando o drama de uma realidade de excluídos da qual ambos faziam parte, em uma Porto Alegre de cerca de 73 000 habitantes e muito violenta.



\* Graduando em História na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

\*\* Doutora em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

1- Como é conhecido o soldado da Brigada Militar no Rio Grande do Sul.

2- PEREIRA (2005 – 48)

3- No processo o sobrenome aparece grafado diferentemente: Trene, Trenes, Ternes e Tremes.

4- Servia na Brigada Militar com o nome de Brum e não de Bruno.

5- A Revolução Federalista iniciou em fevereiro de 1893 e acabou em meados de agosto de 1895.

6- PESAVENTO (2004 – 30)

7- PESAVENTO (1994 – 9)

8- GANS (2004 – 37)

9- GANS (2004 – 36)

10- CORUJA (1991 – 52)

11- CORUJA (1991 – 52).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Maria Degolada: Mito ou Realidade?*. Porto Alegre: Edições EST, 1994.

CORUJA, Antônio Alvares Pereira. *Antigualhas, reminiscências de Porto Alegre*. In PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850 – 1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PEREIRA, José Carlos. *Devoções marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre: Zouk, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX*. In *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 27-97. dezembro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. *Os pobres da cidade: vida e trabalho 1880-1920*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

\_\_\_\_\_. In *TEATRO À MARGEM DO GUAÍBA*. Programa da peça teatral "Maria Degolada". Porto Alegre, 2001.